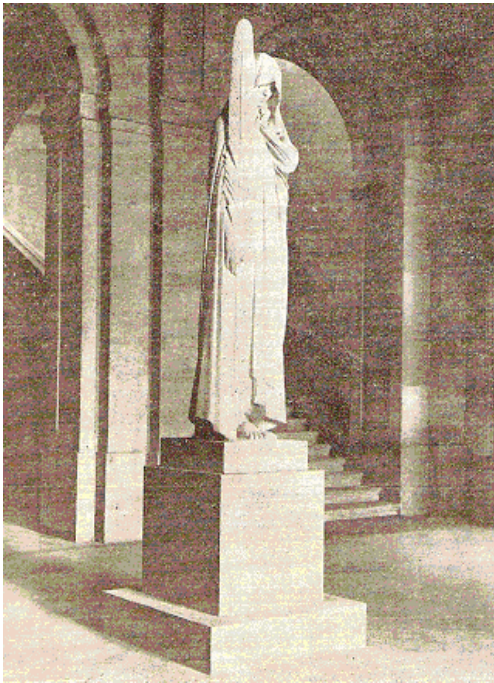


## Monumento aos Estudantes da Universidade mortos na Guerra de 1914-1918

da autoria do escultor JOÃO DA SILVA - descerrado a 16 de Outubro de 1948

### A Estátua



Comumente designada por “A Santa” e também muitas vezes referida como “A Sabedoria” a estátua que se encontra no vão da escadaria principal do edifício da Reitoria é sim um monumento à memória dos estudantes da Universidade mortos na 1ª guerra mundial. Descerrada em 1948 e financiada em grande parte pelos estudantes e antigos estudantes da Universidade, a estátua é da autoria do mestre escultor João Silva e deve-se não só a esses estudantes mas também ao fortíssimo empenho do Professor Catedrático Américo Pires de Lima também ele um combatente dessa guerra.

Prevista para o claustro exterior do edifício (onde foi feito o lançamento da primeira pedra), a estátua foi inicialmente colocada frente à escadaria, bem debaixo da arcada central do átrio de entrada do edifício. Mais tarde foi retirada para o vão da escadaria onde ainda hoje está.

Esbelta, sóbria e fúnebre, a estátua chama-nos à memória os relatos daquele que foi o mais arrepiante conflito mundial em que Portugal participou. Depois deste outros estudantes e Universitários da UPORTO vieram a ser vítimas de outros conflitos em que o País se envolveu, também subordinados à manutenção do Império que a microcefalia da política de então não soube ou não quis entender que era já inviável.

Que, para além da homenagem que presta aos Universitários que pereceram na 1º grande guerra, esta estátua nos traga à memória a frase de encerramento do discurso proferido pelo Professor Pires de Lima aquando da sua inauguração:

*“Pois aqui fica o monumento, erigido pela Universidade para glória dos seus mortos e lição aos vivos”*

## Motivos e Factos

Corria o ano de 1948. A 16 de Outubro realiza-se, no Salão Nobre da Universidade a inauguração solene do ano escolar. Preside à sessão o Reitor da Universidade, Professor Doutor Amândio Joaquim Tavares. Ao seu lado os directores das quatro Faculdades: Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Ciências e Faculdade de Engenharia. Na assistência professores, alunos, e altas autoridades civis, militares e religiosas. A sessão segue o protocolo tradicional. O Reitor da Universidade faz o relato das actividades do ano que terminara a que se segue a Oração de Sapiência proferida pelo Professor Doutor Fernando Domingos Magano Júnior da Faculdade de Medicina e então Vice Reitor da Universidade. “*Teor do momento e regime escolar*” foi o tema que mereceu forte aplauso. Terminada a sessão todos se dirigem ao átrio de entrada do edifício onde iria ser inaugurado solenemente o monumento à memória dos estudantes da Universidade mortos na Guerra de 1914-1918.

Quase doze anos tinham decorrido desde que, nas festas comemorativas do primeiro Centenário da Academia do Porto, tinha sido lançada a primeira pedra do monumento. E mais de trinta desde que o Corpo Expedicionário Português fora dizimado no conflito.

Confrontados com uma guerra de alcance mundial e temendo que a integridade do Império pudesse ser atingida, os políticos portugueses decidiram-se pela participação no conflito ao lado da Inglaterra, visando um lugar à mesa das negociações que impedisse a partilha dos territórios coloniais entre outras potências. Preparado com grande rapidez em Tancos, sobre a orientação do Ministro da Guerra, General Norton de Matos, o Corpo Expedicionário Português envia os dois primeiros contingentes para França a 26 de Janeiro de 1917. Este corpo que contou com dezenas de milhares de homens, participou nalgumas das batalhas mais terríveis dessa guerra, nomeadamente em La Lys, integrado num sector da frente sob comando inglês. No fim da Guerra o País atinge os objectivos que determinaram a sua participação, mas o preço foi altíssimo: dezenas de milhar de mortos, e um número elevadíssimo de feridos, desaparecidos, estropiados, doentes e prisioneiros.

A Universidade do Porto paga aqui um pesado tributo: iniciara a sua actividade em 1911 com 533 alunos, número modesto, mas superior ao de Coimbra e ao de Lisboa. Já em 1913 se vira ultrapassada por estas duas Universidades e a partir da criação do Corpo Expedicionário Português vê a sua frequência baixar significativamente e agravar-se o fosso que a separa das outras duas Universidades Portuguesas. Com todas as Faculdades de índole técnica a sua contribuição para o CEP é substancial.

Terminada a Guerra, logo em 1920, a Universidade toma a iniciativa de colocar duas placas no patamar da escadaria principal do edifício da Praça Gomes Teixeira, então Faculdade de

Ciências, homenageando os mortos Universitários do Porto. Duas placas em mármore com as seguintes gravações:

Na 1ª placa:

José Botelho Carvalho Araújo

1º tenente da Armada - Comandante do caça minas «Augusto Castilho»

Francisco Augusto de Sousa Sanches

Tenente da médico

Joaquim Gomes de Oliveira e Silva

Tenente de Artilharia

Mário Augusto Teles Grilo

Tenente de Infantaria

Júlio Alberto de Sousa Flores

Alferes de Infantaria

Na 2ª placa:

Romero Aurélio da Paz dos Reis

Capitão de Engenharia - Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro

Albano José Mendes

Alferes Miliciano de Engenharia - Batalhão de Ponteneiros

Alfredo Ambrósio Ferreira

Alferes de Infantaria

Esta memória não era, porém, completa. Muitos outros terão perecido nos campos da Flandres. E também em África como António Dias, estudante de Medicina, morto como enfermeiro do Hospital provisório de Palma em Moçambique ou o Tenente Felisberto de Assunção da Silva Pires morto em África de esgotamento. E também em França, veio a morrer o Alferes Lúcio de Azevedo, o primeiro oficial a entrar em Lille aquando da tomada desta cidade e que veio a ser condecorado pelo Governo Inglês.

Américo Pires de Lima, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências (2º Grupo - Botânica), também oficial superior do exército português e também ele combatente da guerra de 1914-18 em África, é, em 1937, Director da Faculdade de Ciências. Entendendo que a homenagem aos alunos da Universidade mortos no conflito deveria ser bem mais expressiva que umas simples placas (incompletas) a meio da escadaria procura os meios para homenagear condignamente todos os Universitários, conhecidos e anónimos, em postos e missões variados e em diversos lugares, que morreram no conflito. A ideia de um monumento surge mas a falta de dinheiro parece inviabilizar a sua concretização. O Prof. Pires de Lima não desiste. Comemorava-se nesse ano o centenário da Reforma de Passos Manuel ou seja o Centenário da criação da Academia Politécnica e da Escola Médico

Cirúrgica. Um grupo de estudantes e de antigos estudantes, sabendo que em Lisboa e Coimbra as comemorações iam já avançadas e que ao Porto não fora concedida dotação para o efeito reconhecem a necessidade de a academia se manifestar. E tomam a decisão de organizar uns coros de estudantes tentando organizar um sarau. Conseguem angariar fundos a que se junta depois uma dotação oficial para a Universidade. Realizam-se as comemorações, com a grandiosidade e dignidade que a instituição merece e ainda sobra dinheiro que os estudantes entregam ao então Reitor da Universidade, Professor Doutor José Pereira Salgado. Sabedor deste facto e por vontade desses alunos o Prof. Pires de Lima pede ao Reitor que esse saldo seja utilizado para a construção do monumento, constituindo com ele um fundo indispensável para o início da obra. A este fundo vem a juntar-se, mercê dos esforços do Professor Pires de Lima, mais uma pequena verba proveniente do Ministério da Instrução. E, de Lisboa, vem o Mestre escultor João Silva, que, generosamente, se propôs executar a obra, suprindo-se assim as dificuldades financeiras com a execução.

O lançamento da primeira pedra é feito a 12 de Abril de 1937 no claustro interior, ao ar livre, e na presença do então Presidente da República, General António Óscar de Fragoso Carmona e do Ministro da Instrução Prof. Doutor António Faria Carneiro Pacheco.

Esculpida pelo Mestre João Silva numa oficina de canteiro então existente junto à Ponte D. Luís, a estátua foi, por vontade do mestre escultor, colocada, não no claustro interior onde fora lançada a primeira pedra, mas sim no átrio de entrada bem à frente da escadaria principal.

A convite do Reitor, Professor Amândio Tavares, descerrou o monumento que estava coberto com a Bandeira Nacional, o coronel Gabriel Cardoso, representante do General-Comandante da 1ª Região Militar. Falou sobre o significado da homenagem o Professor Américo Pires de Lima, antigo combatente do referido conflito.

Na base do monumento foi gravada a dedicatória: *Huius Universitatis filiis scientiae spei A vita cito pro patria ereptis (Aos filhos desta universidade tão depressa arrebatados pela Pátria a uma vida de sabedoria e de esperança).*

#### Agradecimentos

Ao Professor Doutor Jorge Pereira Nunes Deserto agradeço a tradução para português da dedicatória (em latim) que se encontra na base da estátua.

Ao Dr. António Alberto Huet Bacelar Gonçalves a preciosa ajuda na identificação e cedência de bibliografia indispensável.

Maria da Assunção Costa Lima  
UPORTO, Setembro de 2008

## Bibliografia

- *Corpo Expedicionário Português*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2008. [Consult. 2008-09-17]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$corpo-expedicionario-portugues](http://www.infopedia.pt/$corpo-expedicionario-portugues)>.
- *Anuário, Ano Escolar de 1948-1949*, Universidade do Porto, 1949, 291
- *Orfeão*, número único comemorativo do 45º aniversário da Fundação do Orfeão Académico e 20º do Orfeão Universitário do Porto, Abril de 1957
- *Porto Académico*, Associação Académica do Porto, Março de 1962, 23-24 e 26

## Anexo

Discurso do Professor Doutor Américo Pires de Lima aquando da inauguração do monumento

*“Vai para doze anos, celebravam-se aqui solenemente as festas comemorativas do primeiro centenário da Academia Politécnica e da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Um dos números dessas festas foi o lançamento da primeira pedra do monumento que agora se inaugura. À cerimónia presidiu o nosso venerando Chefe do Estado, cuja presença muito serviu para realçar a significação do acto. Há quase doze anos!*

*Mas digamos em duas palavras a história desta iniciativa. Naquele tempo, quem subisse esta escadaria nobre, defrontava duas modestas placas de mármore, com uns nomes gravados, o que pretendia ser um monumento aos nossos mortos na Grande Guerra. Sempre me pareceu desproporcionado com os factos que pretendia consagrar. Além disso aquelas placas não representavam rigorosamente a verdade. Dos mortos na guerra de África, alguns dos quais vi morrer, não figurava nenhum,,. Ora, neste capítulo da consagração dos mortos, é sacrílego tudo o que seja contrário à verdade, quer por excesso quer por omissão. Facilmente obtive o apoio do Conselho da Faculdade de Ciências e do próprio Senado Universitário para a ideia de erigir aqui um monumento, que não só fosse digno da austera grandeza destes velhos Paços de Estudos, mas também da memória dos nossos mortos.*

*O Dr. José Pereira Salgado, então Reitor da Nossa Universidade, a cuja memória rendo a mais saudosa homenagem, perfilhou com grande entusiasmo a ideia, e introduziu o lançamento da primeira pedra nas comemorações centenárias. Estava a iniciativa lançada, mas não havia sombra de recursos matérias para lhe dar corpo...*

*Durante as festas do Centenário, os alunos e antigos alunos destas escolas, que antecederam ou constituíam a Universidade, em admirável e simpático movimento de solidariedade, novos e velhos, congregaram-se para realizar algumas festas, cujo saldo foi depositado nas mãos do Reitor, para lhe dar o destino que entendesse. Facilmente consegui do Senhor Dr. Pereira Salgado que essa quantia fosse reservada para o monumento aos*

*filhos da Universidade mortos da Guerra. Ao Sr. Dr. Mário de Figueiredo, quando Ministro da Educação, devemos a concessão da verba complementar. Daqui apresento a S. Ex<sup>a</sup>. a expressão do maior reconhecimento, por assim ter contribuído para esta bela realidade. Faltava escolher o artista, mas logo me lembrei de João da Silva que já tinha brindado a Universidade com aquela jóia ali implantada entre carvalhos simbólicos - o monumento a Júlio Dinis. Expus-lhe o desejo da Universidade: um monumento digno da ideia e do lugar, mas... compatível com a rígida pequenez do nosso orçamento. Sorriu compreensivamente o nosso artista, e prestou-se a colaborar, não só com os primores do seu talento, mas com autêntico sacrifício da sua bolsa. Não provido de prémio vil, que esse também pode considerar-se simbólico. Como o estatuário de Vieira, em longos dias de trabalho, quis dar, pela sua própria mão, os últimos retoques à sua obra. Com a carícia do seu mágico cinzel, afeição de tal maneira o duro e rígido granito que vestiu a sua figura, como se se tratasse de macio e flexível estofado. Pois aqui fica o monumento, erigido pela Universidade para glória dos seus mortos e lição aos vivos.”*